

# PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA EM ESCOLAS PÚBLICAS DA REGIÃO METROPOLITANA DE GOIÂNIA: UM RETRATO DO BRASIL?

**Humberto Luís de Deus Inácio<sup>1</sup>**

*betoinacio@gmail.com*

**Lídia Ferreira Machado<sup>2</sup>**

*lidia\_machado94@hotmail.com.br*

**Caroline Castro e Sousa<sup>3</sup>**

*cacastro\_go@hotmail.com*

**<sup>1</sup>Universidade Federal de Goiás (UFG)**

**<sup>2</sup>Centro Educacional SESC Cidadania**

**<sup>3</sup>Prefeitura de Goiânia – Secretaria de Educação**

## RESUMO

Esta pesquisa diagnosticou a presença das Práticas Corporais de aventura na Educação Física de escolas da região metropolitana de Goiânia. Sendo um estudo quali-quantitativo, utilizou um questionário com questões objetivas e descritivas, respondidos por 59 professores. Os resultados indicam: o conteúdo é pouco trabalhado na escola; os professores não tiveram acesso a esse conteúdo durante sua formação e, as principais causas de não ser ministrado são estruturais e de formação sobre o conteúdo.

## PALAVRAS-CHAVE

*Educação Física e Treinamento; Capacitação Profissional; Área de Atuação Profissional; Educação Ambiental; Práticas Corporais de Aventura*

## INTRODUÇÃO

As Práticas Corporais de Aventura (PCAs) na Natureza e no meio urbano, propulsionadas pela sustentação mercadológica,

(...) têm recebido um crescente número de adeptos de diferentes formações culturais, faixas etárias, níveis sociais, campos de atuação profissional, tornando-se um instigante desafio, no que tange ao respaldo e conhecimentos necessários para uma atuação prática com qualidade e que possa favorecer experiências verdadeiramente significativas. (MARINHO; SCHWARTZ, 2005, p.01)



Tahara e Carnicelli Filho (2012) confirmam isto dizendo que estas práticas têm experimentado um expressivo crescimento desde a década de 1990.

São impulsionadas pelo desejo de experimentar algo novo, emoções prazerosas, riscos, sentimento de ser capaz, seja na terra, na água ou no ar (MARINHO, 2004).

Esta dinâmica gerou necessidade de a sociedade (re)conhecer estas práticas e, para isto, a escola – mais especificamente a disciplina de Educação Física, é vista como como espaço-tempo mais adequado à sua apropriação. Confirma-se isto com a inclusão do conteúdo PCAs na BNCC - Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018).

As PCAs no ambiente escolar são uma opção de inovação para as aulas de EF, recebendo reconhecimento e começam a ser aplicadas (INÁCIO et al, 2016, FRANCO; CAVASINI e DARIDO, 2014; INÁCIO; MORAES e SILVEIRA, 2013; AMBRUST; PEREIRA, 2010; MARINHO; SCHWARTZ, 2005 e INÁCIO et al. 2005).

Teruel (2011) retrata que a maior motivação na aplicação das PCAs são os resultados que as mesmas proporcionam, englobando coragem, autoconhecimento, autonomia, responsabilidade e autocontrole.

No entanto, apesar de ser conteúdo rico em aspectos pedagógicos, ainda é escasso na disciplina de Educação Física.

São diversos os obstáculos e limites para o avanço deste conteúdo na EFE; por ex.:

- a falta de estrutura e equipamentos das/nas escolas;
- os impedimentos impostos pelas administrações escolares;
- a falta de reorganização curricular e/ou das disciplinas;
- a ideia de que os conteúdos esportivos tradicionais são mais importantes;
- a recusa em assumir certos 'riscos' presentes nestas práticas, e
- a falta de formação – inicial e continuada, dos professores.

É destes apontamentos que decorreu a motivação para esta pesquisa.

## A PESQUISA

Os objetivos desta investigação foram:

- a. identificar se há professores que trabalham este conteúdo em escolas dos municípios de Goiânia e de Aparecida de Goiânia (GO);
- b. entre os sujeitos – os que inserem as PCAs e os que não, em suas aulas, porque o têm feito? Quais suas dificuldades, seus desafios, suas boas experiências?

## METODOLOGIA

De cunho qualitativo, esta pesquisa buscou explicações para um problema real. Em linhas gerais a pesquisa qualitativa “trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes” (MINAYO, 2009, p. 21), retratando a realidade social.

É descritiva e analítica, com uso de questionário com questões objetivas (de múltipla escolha) e descritivas, como instrumento de coleta de dados.

A amostra foi restrita às condições concretas de disponibilidade dos professores; em função disto, e com um mapa, elegemos duas regiões – uma em Goiânia e a outra em Aparecida de Goiânia, com áreas cuja abrangência possibilitava de serem percorridas pela equipe no espaço de tempo disponível para isto.

Foram 29 escolas em Goiânia e outras 29 de Aparecida de Goiânia, com um sujeito respondente em cada escola, exceto uma, na qual foram dois respondentes, totalizando 59 sujeitos. Todos os procedimentos relativos à ética na pesquisa foram adotados.



A primeira pergunta do questionário separava se o/a professor/a trabalhava com as PCAs e, em função da resposta afirmativa ou negativa, seguiam dois roteiros distintos de perguntas.

Os dados coletados receberam tratamento estatístico, a partir dos que foi realizada análise crítica, cruzando as informações obtidas com as indicações dos autores aqui utilizados.

## DISCUSSÃO

A pergunta inicial foi: “Você já trabalhou as PCAs em algum momento de suas aulas?” - 48 professores marcaram “NÃO” e os outros 11 marcaram “SIM”. Daqui em diante, vamos chamar os professores que marcaram SIM como ‘atuantes’, e aos outros de ‘não atuantes’.

Dos 11 atuantes, 8 tiveram contato com o conteúdo durante sua graduação, e um na pós-graduação; destes, 4 utilizam o conteúdo há menos de 2 anos, enquanto 7 deles utilizam há mais de 2 anos.

Entre os não atuantes, 12 tiveram acesso ao conteúdo em sua graduação, 6 durante a pós-graduação, e 30 não tiveram acesso algum a esse conteúdo.

Sobre os conteúdos das aulas, os atuantes indicaram: atividades praticadas no ar (*slack-line*, falsa baiana e outras com cordas); atividades praticadas na terra (*Le Parkour*, bicicleta, Esporte de Orientação) e atividades de rolamento (*skate*, patins, patinete); nenhum utiliza ou utilizou PCAs na água.

Sobre a relevância do conteúdo, pedimos que elegessem a(s) opção(ões) que lhes parecesse(em) mais adequada(s):

- por desenvolver capacidades físicas (2 respostas)
- pela percepção de liberdade (2)
- pelo ineditismo na vivência (3)
- pelos riscos controlados (2)
- pela aprendizagem de novos conhecimentos esportivos, culturais e sociais (11), e
- pela aproximação com o meio ambiente (5).

Os atuantes indicaram que o mais importante desse conteúdo é a aquisição/aprendizagem de novos conhecimentos esportivos, culturais e sociais ; mas também a aproximação com o meio ambiente e o ineditismo. Os não atuantes apontaram a mesma resposta.

Em seguida abordamos as dificuldades no trato com este conteúdo:

- Atuantes elegeram majoritariamente a falta de estrutura e espaço e a falta de materiais adequados, como as principais dificuldades; as mesmas dificuldades foram as mais apontadas pelos não atuantes. Estes dados confirmam os estudos de Caetano e Inácio (2013) e Tahara e Carnicelli Filho (2012).

Sobre empecilhos ou incentivos do grupo gestor da escola em relação a este conteúdo, todos os sujeitos da pesquisa afirmaram não haver empecilhos, porém enfatizaram também não haver nenhum tipo de incentivo.

Os atuantes, sobre uso de uma proposta metodológica: três deixaram a questão em branco e dois responderam ‘não’. Os outros indicaram: a proposta crítico-superadora do Coletivo de Autores (1992); o “modelo apontado pela secretária de Educação”; em colônias de férias, na TV e meios de comunicação em geral; em livros sobre o lazer; a proposta de Elenor Kunz; e, finalmente, em pesquisas na Internet e conteúdos vistos na graduação.

Aos não atuantes, foi questionado se veem possibilidade do conteúdo ser desenvolvido: vinte deles afirmaram que não; os outros sinalizaram positivamente, mas destacando o caráter hipotético de suas respostas.



Por fim, para os dois grupos, perguntamos se conhecem algum professor (não participante da pesquisa) que trabalha esse conteúdo, e houve apenas uma resposta afirmativa, reforçando a 'ausência' deste conteúdo na EFE.

## CONCLUSÕES

É possível inferir com esta pesquisa que o conteúdo em questão é pouco presente nas aulas de Educação Física.

Como dificuldades e problemas mais comuns foram apresentados, significativamente, a escassez do conteúdo no currículo da graduação (formação inicial), a falta de estrutura e de materiais adequados, e por acreditarem que há temas mais relevantes e acessíveis.

Apesar disto, afirmam ser importante o trato desse conteúdo nas aulas de Educação Física para oferecer novas aprendizagens relacionadas a conhecimentos esportivos, culturais e sociais, além de importante aproximação com questões ambientais.

A falta de materiais e equipamentos, requer reflexões: a) podemos adaptar materiais do cotidiano reutilizando-os para as práticas de aventura, solicitando, também, aos alunos alguns desses materiais; isto é estratégia metodológica indicada em praticamente todas as proposições de inserção das PCAs na EF. b) É comum em prefeituras de cidades espanholas, a existência de um setor de 'empréstimo' de materiais e equipamentos esportivos de mais difícil acesso, seja por seu valor ou pela baixa disponibilidade no mercado; com isto as escolas têm acesso a tais equipamentos e materiais. Esta poderia ser interessante proposta às secretarias de educação municipais brasileiras, e mesmo às estaduais.

Entendemos a formação – inicial e continuada, como fator decisivo para a inserção das PCAs na EFE; entretanto, diagnosticamos que a ausência deste conteúdo em projetos formativos é reflexo de uma também ausência de conhecimento dos próprios agentes formadores.

Esta questão se agiganta ainda mais com a inserção das PCAs na BNCC, tal como dito mais acima: se as PCAs passam a ser conteúdo obrigatório da EFE, quem, como e quando vai ministrar este conteúdo?

A investigação aqui detalhada confirma outros estudos sobre as PCAs estarem distantes do cotidiano escolar. Por um lado, estatisticamente, a amostra e os procedimentos são pouco significativos; por outro, compreendendo que a realidade observada em um fragmento da sociedade está em toda ela, podemos afirmar que escolas públicas de Goiânia e de Aparecida de Goiânia terão grandes dificuldades para inserir as PCAs em seus cotidianos, tal como indica agora a BNCC. Além disso, pelo exposto ao longo deste manuscrito, se pode inferir que corresponda a uma realidade brasileira, respondendo à questão no título.

## BODILY PRACTICES OF ADVENTURE IN PUBLIC SCHOOLS OF THE GOIÂNIA: A PICTURE OF BRAZIL?

### ABSTRACT

The present work sought to diagnose whether teachers from of the Goiânia work with the Bodily Practices of Adventure (PCAs) in their classes? The research use a questionnaire to collect data with 59 teachers. The results indicate that the content of PCAs is poorly worked in the school; that teachers did not have access to this content in your training and that the causes of not being taught in classes are lack of structure and equipment and lack of knowledge.

**KEYWORDS:** *Physical Education and Training; Professional Training; Area Profesional Performance; Environmental Education; Bodily Pratices of Adventure.*



## PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA EM ESCUELAS PÚBLICAS DE GOIÂNIA: ¿UNO RETRATO DE BRASIL?

### RESUMEN

El presente trabajo buscó diagnosticar si profesores de escuelas municipales y provinciales de Goiânia trabajan con el contenido de las PCAs en sus clases. La investigación utilizó un cuestionario para la recolección de datos, con 59 profesores. Los resultados indican que este contenido es poco trabajado; que los profesores no tuvieron acceso a él en su formación profesional y que las principales causas de no ser ministrado son la falta de estructura y equipamientos y el desconocimiento de las PCAs.

**PALABRAS CLAVES:** *Educación Física y Entrenamiento; Capacitación Profesional; Área de Actuación Profesional; Educación Ambiental; Prácticas Corporales de Aventura.*

### REFERÊNCIAS

- CAETANO, Ana C. A.; INÁCIO, Humberto L. D. Práticas Corporais de aventura na natureza: um retrato em 3x4 da realidade Brasileira. *In: Congreso Internacional Sobre la Enseñanza de la Educación Física y el Deporte Escolar*. 10, 2013. ANAIS. Pontevedra/ Espanha, 2013, s/p.
- COLETIVO DE AUTORES. *Metodologia do Ensino de Educação Física*. 2ª Edição. São Paulo: Editora Cortez, 2009.
- FRANCO, Laércio C. P.; CAVASINI, Rodrigo; DARIDO, Suraya C. *Práticas Corporais e a Organização do Conhecimento, Práticas Corporais de Aventura*, Livro 4, 2014.
- INÁCIO, Humberto L. D. et al. Práticas corporais de aventura na escola: possibilidades e desafios - reflexões para além da Base Nacional Comum Curricular. *Motrivivência*. Florianópolis. n.28, p.168-187, 2016.
- INÁCIO, Humberto L. D.; MORAES, Tais M.; SILVEIRA, Amanda B. Educação Física e Educação Ambiental Refletindo Sobre Formação Docente. *Conexões*. V.11 (4). p.01-23, Campinas. 2013.
- INÁCIO, Humberto L. D. et al. Bastidores das práticas de aventura na natureza. *In: SILVA, Ana M.; DAMIANI, Iara R. (Org.). Práticas corporais*. Florianópolis: Nauembla e Ciência e Arte, 2005. p. 69-87.
- MARINHO, Alcyane; SCHWARTZ, Gizele M. Atividade de Aventura Como Conteúdo da Educação Física. *Revista Digital - Buenos Aires - Año 10*. Disponível em <<http://www.efdeportes.com/>> . 2005. Acesso em 01 de outubro de 2016.
- MARINHO, Alcyane. Atividades na natureza, lazer e educação ambiental: refletindo sobre algumas possibilidades. *Motrivivência*. Florianópolis. n.22, p.47-69, 2004.
- MINAYO, Maria C. S. *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.
- TAHARA, Alexandre K.; CARNICELLI FILHO, Sandro. A Presença de Atividades de Aventura na Educação Física Escolar. *Arquivos de Ciências do Esporte*. V.1 (1), p.60-69, 2012.
- TERUEL, Ana Paula. *Atividades De Aventura No Contexto Escolar, Na Visão De Professores de Educação Física*. 2011. 36f. Universidade Estadual Paulista. Instituto De Biociências - Rio Claro. Rio Claro – SP, 2011.

